

Uma perspectiva sobre o hipismo olímpico brasileiro: da Missão Militar Francesa ao Jogos Olímpicos

A Perspective on Brazilian Olympic Equestrianism:
From the French Military Mission to the Olympic Games

Guilherme Carvalho Vieira

Universidade Cesumar
Maringá/PR, Brasil
guivieira9988@gmail.com

Ester Liberato Pereira

Universidade Estadual de Montes Claros
Montes Claros/MG, Brasil

Janice Zarpellon Mazo

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre/RS, Brasil

RESUMO: O hipismo foi inserido nos Jogos Olímpicos em 1900, na edição realizada em Paris, na França. O Brasil teve representante na competição hípica somente em 1948. Até essa data, marcante para o hipismo no cenário olímpico nacional, foram achados indícios que revelam a raiz militar e a ligação com a elite na constituição do esporte. Diante de tais informações, o artigo tem, por objetivo, compreender o papel do exército no desenvolvimento do hipismo no Brasil, desde a década de 1920, quando houve a contratação da Missão Militar Francesa, até o final de 1940, com a primeira representação brasileira, composta por militares, na modalidade em Jogos Olímpicos. Para tal, utilizamos fontes documentais do acervo da Escola de Equitação do Exército (EsEqEx) e da imprensa brasileira do período. Apontamos que, no período anterior à participação olímpica, a instituição precursora dessa prática, em âmbito nacional, foi a Escola de Equitação do Exército (EsEqEx), um legado da Missão Militar Francesa (MMF).

PALAVRAS-CHAVE: História; Missão Militar Francesa; Hipismo; Jogos Olímpicos; Exército.

ABSTRACT: Equestrianism was introduced to the Olympic Games in 1900, at the edition held in Paris, France. Brazil had a representative in equestrian competition only in 1948. Until this significant date for equestrianism on the national Olympic scene, there were indications revealing the military roots and elite connections in the formation of the sport. Given this information, the article aims to understand the role of the army in the development of equestrianism in Brazil, from the 1920s when the French Military Mission was hired, until the late 1940s, with the first Brazilian representation, composed of military personnel, in equestrian events at the Olympic Games. To do so, we used documentary sources from the archive of the Escola de Equitação do Exército (EsEqEx) and Brazilian press from the period. We point out that, in the period before Olympic participation, the precursor institution of this practice on a national level was the Escola de Equitação do Exército (EsEqEx), a legacy of the Missão Militar Francesa (MMF).

KEYWORDS: History; French Military Mission; Equestrianism; Olympic Games; Army.

INTRODUÇÃO¹

O desenvolvimento dos esportes modernos e o Exército Brasileiro têm uma relação de proximidade. Podemos inferir que a Educação Física e os esportes têm suas raízes militares, no início do século XX.² Assim, um novo ideal de corpo, forte e saudável, culminou com a difusão de práticas esportivas populares para certos grupos sociais, como, por exemplo, as modalidades coletivas, tais como: voleibol, basquetebol e futebol. Já algumas modalidades mais restritas, como é o caso do hipismo, golfe e polo, têm sua difusão concentrada em algumas regiões e com determinado público, com aspecto homogêneo. Nesse caso, situado no nosso estudo, o hipismo, que deriva de práticas equestres, foi desenvolvido de forma sistemática pelos militares e das sociedades hípicas.

A necessidade de modernização do Exército Brasileiro culminou em diversas iniciativas para melhorar a imagem das Forças Armadas perante a sociedade civil e consolidação de uma doutrina de Guerra,³ além de atrair jovens para a carreira militar. Frente a essa situação, o Exército Brasileiro e o Estado contrataram a Missão Militar Francesa, que promoveu a criação do curso de Equitação, que passou a destacar-se na promoção do hipismo clássico ainda na década de 1920. Nas décadas seguintes, a prática foi promovida pelo Exército, no Brasil, e em 1948 temos a primeira delegação de cavaleiros competindo no hipismo dos Jogos Olímpicos. A modalidade foi permeada por uma constituição militar de qualidade, cujos valores estão presentes tanto na prática esportiva como no desejo de constituição de hegemonia masculina, com base na força, altivez e honra.⁴ Assim, como esporte capaz de desenvolver tais competências, o hipismo atua como fonte de garantia de formação de liderança e polidez, uma vez que tal esporte era fechado sob alta patente do exército.⁵

¹ Financiamento: A presente pesquisa foi realizada com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), Processo: APQ-03240-22, Edital Nº 009/2022 - Fortalecimento e Consolidação da Pesquisa na UEMG e UNIMONTES. A pesquisa faz parte do projeto: HIP-POS BR - Projeto Interinstitucional (Unimontes, UFRGS, UFAM e CBH) de Mapeamento Histórico do Esporte Hípico no Brasil (<https://www.instagram.com/hippos.br/>).

² GÓIS JUNIOR. Nacionalismo, Educação Física e a missão francesa na Força Pública de São Paulo: uma comunidade imaginada (1906-1913).

³ MALAN. *Missão Militar Francesa de instrução junto ao Exército Brasileiro*.

⁴ CONNELL; MESSERSCHMIDT. *Masculinidade hegemônica: repensando o conceito*, 2013.

⁵ LEAL. *A Missão Militar Francesa e a equitação no Brasil*, 2019.

O artigo tem, por objetivo, compreender o papel do exército no desenvolvimento do hipismo no Brasil, desde a década de 1920, quando houve a contratação da Missão Militar Francesa, até o final de 1940, com a primeira representação brasileira, composta por militares, na modalidade em Jogos Olímpicos. Para isso, utilizamos fontes documentais disponíveis no acervo da Escola de Equitação do Exército (EsEqEx) e na imprensa brasileira da época. Nosso recorte temporal abrange as décadas de 1920 a 1940, período que vai desde a contratação da Missão Militar Francesa até a primeira participação do Brasil em uma competição olímpica, com cavaleiros do exército.

Ao longo da história da humanidade, humanos e cavalos estabeleceram uma relação multifacetada. Inicialmente, essa parceria se manifestou em atividades agrícolas, militares, rituais religiosos e momentos de lazer e competição esportiva. Durante períodos dominados por regimes imperiais, o cavalo representava uma distinção social, associada ao poder.⁶ No contexto das interações entre humanos e animais, a relação com os equinos desempenhou um papel destacado em diversos aspectos sócio-históricos, especialmente nos esportes aristocráticos e de uma elite militar, como a caça à raposa e as corridas de cavalos.⁷ Tal princípio do esporte foi um passo para a esportivização da prática, que a tornou representativa de civilidade e polidez, como, por exemplo, o hipismo.⁸

O hipismo, no Brasil, em especial na região sudeste, com foco nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, teve grande influência da Missão Militar Francesa (MMF), após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), como parte de um esforço para modernizar o exército brasileiro. Este contrato de intervenção foi estabelecido com a finalidade de promover melhorias nas Forças Armadas brasileiras e acompanhar as reformas militares em curso em países do Ocidente. Dada a fragilidade e a escassez de pessoal com habilidades e competências militares, no Brasil, naquela época, a baixa no recrutamento tornou-se uma preocupação significativa. Para enfrentar esses desafios e consolidar as reformas, o Brasil contratou uma missão francesa,

⁶ HAAN; DUMBELL. *Equestrian Sport at the Olympic Games from 1900 to 1948*.

⁷ PEREIRA; MAZO. *A Caça à Raposa em Porto Alegre-Brasil: uma apropriação cultural*, 2014.

⁸ PEREIRA. *Configurações sócio-históricas da equitação no Rio Grande do Sul: uma investigação das redes de interdependência nas práticas esportivas equestres*, 2016.

resultando neste contrato de cooperação. Foi nesse contexto que o Curso de Especialização em Equitação foi estabelecido.⁹

A equitação mantém uma relação intrínseca com o contexto militar, tendo suas raízes profundamente ligadas à vida dentro dos quartéis. A prática do hipismo é considerada uma tática essencial para aprimorar o policiamento montado e desenvolver habilidades atitudinais,¹⁰ especialmente aquelas relacionadas à interação entre humanos e cavalos. A simbologia da relação homem-cavalo como uma representação de liderança, historicamente associada aos combates ao longo da história, permanece presente no imaginário coletivo. Essa representação é particularmente evidente em um dos aspectos mais valorizados pelos militares no trabalho com cavalos. Para além disso, estudos demonstram que a relação entre humanos e cavalos, durante competições, promove o desenvolvimento da capacidade de liderança.¹¹

Este estudo se amparou por meio de pesquisa documental em diversos arquivos e fontes. Estes incluem os arquivos da Escola de Equitação do Exército (EsEqEx), da Confederação Brasileira de Hipismo (CBH), do Arquivo Histórico do Exército (AHEx), do acervo da Hemeroteca Digital Brasileira e do acervo pessoal da família de Oromar Osório, que foi comandante de Divisão de Cavalaria do Exército. Além disso, foram consultadas fontes impressas, como periódicos da cidade do Rio de Janeiro, que datam do período em questão. Essas fontes, que têm um valor histórico significativo, permitiram reconstruir o passado, ao fornecer informações sobre mudanças ocorridas ao longo do tempo em comparação com o presente.¹²

Em relação a tais acervos, os jornais tornam-se um elemento precioso para uma análise do imaginário social daquele período, em especial sobre o discurso da modernidade, e reveladores dos bastidores do esporte. Ao construírem sentidos de determinadas camadas sociais, puderam remeter às aspirações e desejos da sociedade daquele período, ao expressar valores e comportamentos daquele momento.¹³

⁹ GUERRA. *100 anos da missão militar francesa no Brasil e sua contribuição para a evolução da doutrina militar terrestre brasileira*, 2019.

¹⁰ TITAN. *A prática do hipismo percebida como uma ferramenta educacional de desenvolvimento emocional*, 2020.

¹¹ LARA. *O concurso completo de equitação como ferramenta de desenvolvimento de conteúdos da área atitudinal*, 2019.

¹² ALMEIDA. *O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas*, 2011.

¹³ BURKE. *O que é história cultural?*.

Para tal, além dos arquivos citados, utilizamos o *Jornal dos Sports*, periódico especializado que possibilitou compreender o contexto pré-olímpico do hipismo.

O *Jornal dos Sports*, impresso esportivo carioca, era um importante periódico que veiculava notícias diárias sobre o esporte, além de apresentar o maior tempo de circulação. O primeiro número foi publicado no ano de 1931 e o último em 2010. O jornal, com sua proposta de noticiar, de forma mais instantânea, sobre os esportes, apresentou-se, em seus primeiros momentos, como um jornal simples, tendo em média, quatro páginas de extensão. Ao longo do tempo, na sua segunda década de existência, o jornal apresenta conteúdo mais robusto, um número maior de páginas e reportagens mais variadas.

As fontes foram submetidas a uma análise documental, composta pelas seguintes etapas: classificação das fontes; fichamento; e, em seguida, a análise propriamente dita das mesmas. Por fim, um cruzamento deste *corpus* documental permitiu evidenciar significados acerca do objeto de estudo. No que se refere às revistas, estas servem de subsídios para interpretar a significação do esporte hípico. No arquivo da Escola de Equitação do Exército, trabalhamos com documentos que evidenciam a participação de tenentes e coronéis, para procurarmos entender o financiamento da prática esportiva, qual o valor da mesma para a formação moral, e sua respectiva função no processo de modernização do exército.

Com a capacidade de captura da vida cotidiana, e aspirações por um modelo de vida, neste trabalho, optamos por usar as fontes impressas, no caso o *Jornal dos Sports*. Tratava-se de uma imprensa especializada em esportes, disponível na Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional. Esse periódico, que teve sua circulação nacional e sede na cidade do Rio de Janeiro, é um importante componente para este estudo, ao revelar cenas cotidianas do esporte pelas narrativas dos seus escritores e por apresentar um espaço importante dedicado ao hipismo.

Por fim, utilizamos o arquivo e a imprensa como fontes de forma que uma complementa-se à outra. Ao cruzar os dois tipos de fontes, podemos perceber o silenciamento de uma delas, ao revelar aspectos que fazem entender, de forma ampla, a hegemonia militar no hipismo, em um primeiro momento até a primeira participação brasileira nos Jogos Olímpicos nesta modalidade esportiva. Ainda permitem compreender a sua estrutura administrativa e como se deram os bastidores dos

Jogos Olímpicos, ao ter em vista que alguns relatórios da Escola de Equitação apresentaram informações bem representativas, além dos arquivos da família Osório. Desta forma, as fontes aqui presentes contribuem para conhecer e viabilizar as respostas postadas nas indagações do presente estudo.

A INSTITUIÇÃO MILITAR E O FOMENTO AO ESPORTE

O hipismo nacional é uma herança da Missão Militar Francesa, que chega ao Brasil com o propósito de modernizar as forças militares, além de garantir uma doutrina de guerra ao Exército Brasileiro (EB). Este já tinha interesse em ter uma coudelaria, com tal objetivo, desde o império de D. Pedro II. No entanto, a constituição das Forças Armadas, no Brasil, teve um processo um pouco amador, antes da Missão Militar Francesa. Para tal, vamos retornar um pouco no tempo e trazer um pouco sobre o contexto histórico da instituição militar no país. Esse panorama nos ajuda a entender a constituição histórico-cultural e a relação entre militares e sociedade civil.

As Forças Armadas brasileiras tiveram um processo de preservação de sua estrutura lusitana, a princípio, desde o período da Independência do Brasil. Essa ocorrência se deve, principalmente, ao fato de que o sistema de recrutamento do EB manteve-se de forma endógena, sem ter uma abertura oficial no momento de independência do país. Em sequência, o contexto de recrutamento para os cargos de oficiais manteve-se fechado a pessoas de origens nobres e, posteriormente, a tendência foi manter-se dentro da classe média, como pontua José Murilo de Carvalho (2010). O recrutamento de oficiais era realizado da nobreza para a classe média, tendo em vista que deveriam ter processo de formação nos colégios de nobres, na Academia da Marinha. No entanto, tais procedimentos tiveram que ser revistos, de 1809 a 1811, ocasião em que o Brasil teve um relaxamento nas normas. Já na Primeira República, o trabalho do historiador José Murilo de Carvalho pontua que, pelas informações, as origens dos tenentes são de famílias privilegiadas. O autor critica a condução de pessoas assim dentro do exército e culpa a falta de modernização das Forças Armadas brasileiras pelo recrutamento de pessoas de origens pobres.¹⁴ No

¹⁴ CARVALHO. *Forças Armadas e política no Brasil*.

entanto, na República, com Hermes da Fonseca, passou-se ao encaminhamento de um processo de modernização e ampliação da forma de recrutamento. O novo modelo passou a contar com sorteios e instituiu, nos colégios secundários, as orientações militares, criadas pela legislação em 1908. Tais propostas não tiveram êxito. Após tal cenário catastrófico, um grupo de jovens militares, com uso do poder da imprensa, tentou divulgar as ideias e contribuir para melhorar o nível de jovens recrutados. Tais jovens eram conhecidos como Jovens Turcos, conforme instituído pela revista Defesa Nacional, no governo de Wenceslau Braz, de 1914 a 1918. Os jovens turcos tiveram reconhecimento mais intensificado por ocasião da Primeira Guerra Mundial, contando também com o apoio de Olavo Bilac, poeta e filho de militar de grande aceitação no meio civil. Tal nova forma de recrutar conseguiu êxito e apresentou um número significativo nos anos de 1916 a 1919.

Outro fato importante a ser pontuado é a inconsistência na formação militar. O treinamento de oficiais apresentava-se como fraco no que correspondia à exigência de uma ciência militar e doutrina de guerra. A formação dos oficiais do exército era academicista e voltada para um saber intelectual, com pouca relação com as necessidades de um exército. José Murilo de Carvalho pontua que “a escola do exército estava formando bacharéis fardados”,¹⁵ e que tinha, como objetivo, competir com os demais bacharéis. Também estavam presentes, no quartel, alguns oficiais que não tiveram o processo de formação na escola do exército. Esses recebiam a denominação de “tarimbeiros”, de forma pejorativa. Nesse contexto de despreparo do corpo militar brasileiro, que tinha sua formação muito teórica e acadêmica, o Brasil começou a criar uma relação com outro país que apresentava um exército com um bom treinamento e moderno. Em um primeiro momento, o Brasil assinalava um desejo de criar uma missão de treinamento com os alemães. Entre os anos de 1906 e 1910, o exército mandou três turmas para a Alemanha, tendo em vista o desejo de Hermes da Fonseca.¹⁶ No entanto, tal relação não prosperou de forma efetiva e o país acabou por recorrer ao exército francês para consolidar tal missão de modernizar as Forças Armadas brasileiras.

¹⁵ CARVALHO. *Forças Armadas e política no Brasil*, p. 25.

¹⁶ FAUSTO. *História do Brasil*.

Em 9 setembro de 1919, é fechado o acordo entre Brasil e França, com o intuito de contribuir para o desenvolvimento de uma doutrina militar compatível, ao nível internacional, tendo em vista a defasagem do exército brasileiro em comparação com os demais países do ocidente. Neste momento, estão presentes os primeiros desdobramentos da consolidação de uma equitação voltada para o contexto militar com uma formação profissional, que visa à melhor participação e utilização do animal para fins de tração e carregamento de carga, uma doutrina de equitação. Nesse caminho, José Alberto Leal coloca que:

A preocupação dos exércitos brasileiro e francês com a equitação e com a saúde equina se revela já no artigo I do contrato firmado entre os representantes do governo do Brasil e o ministro da Guerra da França, em 9 set. 1919, para o envio de uma Missão Militar Francesa (MMFB) ao Brasil. Na relação de cargos da Missão, está a designação para a “*École de Perfectionnement des Officiers de tout armes*” — a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais — de um oficial de Cavalaria *écuyer* — equitador —, um veterinário militar para diretor da Escola de Veterinária, um segundo veterinário adjunto e um mestre-ferrador. Isto se entende quando verificamos que, não obstante o aumento do poder de fogo e da motorização de alguns meios, os exércitos da época moviam-se em dorso de cavalo.¹⁷

É evidente que a relação entre Brasil e França, por intermédio da MMF, contribuiu como uma porta de entrada para a criação de cavalos baseada em melhores performances que alcançam tanto o cavalo quanto o cavaleiro. A tração animal era uma das formas mais eficientes de transporte em momentos mais remotos; no entanto, tornou-se obsoleta com o passar do tempo. Ao mesmo tempo que a relação dos militares com os animais encaminhou para o campo do esporte e do policiamento montado, que além de incorporar valores tradicionais, na representação que o cavalo tem para a instituição militar, constituída em muitos momentos históricos.

Tinha-se em vista o desejo eminente de constituir uma doutrina de guerra decente para as forças armadas da nação brasileira e a criação de uma equipe de equitação apresenta desde do início do contrato certas condições para explorar a formação de forma dos padrões franceses, e que fosse condizente com as necessidades daquele momento, ao considerar-se que a nas forças militares, da necessidade do animal para corporação. As exigências dos franceses no que se refere à criação e

¹⁷ LEAL. A Missão Militar Francesa e a equitação no Brasil, p. 43.

ao cuidado dos equinos também possibilita a demonstração de que o país não possuía, de forma sistemática, uma estrutura ou equipamento voltado para tais aspectos, assim como tampouco para o treinamento dos animais.

Por meio desse esforço, o Brasil consolidou a proposta de planejar algo voltado ao treinamento militar com equinos. Logo é instituído o primeiro curso de instrução de equitação na escola do Estado-Maior do Exército, pelo ministro da guerra, General Sobrinho de Carvalho, em 1923. Um ano antes, o Ministério da Guerra, encaminhou para os centros de instrução as diretrizes da nova organização e modernização implantada pela Missão Militar Francesa, conforme evidencia-se no técnico escrito pelo 1º tenente Oromar Osório.

Em uma portaria de 20 de abril de 1922, o ministro da guerra criou os centros de instrução do exército, prevendo para a arma de cavalaria, entre outros cursos, o centro de formação de oficiais instrutores de equitação, com o objetivo de formar um núcleo de oficiais instrutores de equitação capazes de transmitirem, nas escolas e nos corpos de tropa, regras uniformes de equitação.¹⁸

Nesse aspecto, podemos observar a presença da necessidade de que a doutrina fosse tanto desenvolvida como transmitida para novas turmas, e, assim, dando continuidade à equitação nos moldes da equipe francesa. Outro ponto a ressaltar é a necessidade de padronização, que é um movimento presente na “esportivização”, tendo em vista que essa regulação dos movimentos também era um objetivo do processo de modernização que perpassa tanto o exército, quanto a sociedade civil daquele momento. Ainda, chama a atenção a necessidade de apresentação em público. Nesse mesmo ano, comemorava-se o centenário da Independência do Brasil (1822-1922). Isso fez com que o foco do curso fosse alterado e o novo objetivo era preparar o grupo para o Concurso Hípico Internacional, evento comemorativo dos 100 anos da Independência, com a orientação para que os instrutores franceses realizassem o treinamento de uma equipe brasileira. Esse treinamento aconteceria de 15 de maio a 15 de setembro de 1922, ou seja, durante quatro meses.

¹⁸ OSÓRIO. *Resumo Histórico EsEqEx*, p. 1.

Em 20 de janeiro de 1924, o núcleo de adestramento apresenta sua primeira turma, ao modificar seu nome, agora denominado “Centro de Instrução de Adestramento”. Nesse mesmo ano, houve a primeira turma formada e a consolidação dos Esporas Douradas: “Através do Cap. Gloria, a escola de cavalaria Saumur chega, aos oficiais instrutores brasileiros, o privilégio do uso das esporas douradas, tradição medieval absorvida por aquela escola”.¹⁹ Tal artefato era oferecido, como algo representativo para aqueles que concluíam o curso de instrutor, ao invocar um valor histórico, atribuído desde uma ordem religiosa, que propagava a fé, a um título de honra que foi adaptado para os militares, representando destaque aos cavaleiros que a recebiam.

No mesmo ano, em 1924, foi implantada a “liga Sports do Exército”, “cuja presidência coube ao general João Gomes Ribeiro, e a chefia do Departamento Hípico ao Major Antônio da Silva Rocha.” Esta entidade teve um papel destacado ao impulsionar a prática por meio da promoção de competições: “Ambos incrementam as competições hípicas, particularmente no Rio de Janeiro (campo de São Cristóvão) e em São Paulo (Sociedade Hípica Paulista)”.²⁰ De acordo com a documentação analisada, neste momento temos a existência dessa prática centralizada no eixo Rio-São Paulo, e no caso de São Paulo, a MMF foi precursora na difusão do hipismo, como aponta o documento: “São Paulo, através de sua força pública, já se beneficia da presença de um instrutor de equitação francês, o Cap. Frederich Statimuller, componente da Missão Francesa para reorganização daquela corporação”.²¹ A participação dos franceses no processo de reorganização das forças armadas do país, parece ter sido um elemento de grande contribuição para as primeiras competições, como foi relatado em documento, datado do ano de 1925, quando tivemos o registro de uma competição sediada no Rio de Janeiro, capital do país na época.

A 12 de outubro de 1925, realizou-se a primeira competição hípica inter-estadual, entre o Rio de Janeiro e São Paulo. A prova apresentava obstáculos com altura média de 1 metro e 30 cm, em sua maioria fixos. Os Oficiais Alunos do Centro de Instrução de Adestramento logram êxito e aplausos da assistência paulista, face a uniformidade na condução de suas montadas.²²

¹⁹ OSÓRIO. *Resumo Histórico EsEqEx*, p. 3.

²⁰ OSÓRIO. *Resumo Histórico EsEqEx*, p. 3.

²¹ OSÓRIO. *Resumo Histórico EsEqEx*, p. 3.

²² OSÓRIO. *Resumo Histórico EsEqEx*, p. 3.

Neste período, temos a presença dos primeiros registros das competições, de forma que o relatório é escrito, e apresentado no mapa, pelo tenente Osório. Tal documento contém algo primordial para um processo de esportivização e modernização da prática de cavalgar, que é a “uniformidade”. Ainda, podemos pontuar a relação e a influência da equitação clássica, também denominada acadêmica, de origem francesa, que traz o salto como uma modalidade de destaque. Percebi que essa intervenção permanece condicionada ao hipismo nacional, o qual realça as provas de salto, ao apresentar-se logo à frente, de forma detalhada, para além de seu destaque na imprensa.

O curso de instrutores de equitação pode ser pontuado como condutor da difusão do hipismo enquanto modalidade de esporte moderno. No entanto, a EsEqEx teve suas atividades interrompidas, embora relatos encontrados em documentos colocam que os oficiais tinham a obrigação de difundir os conhecimentos adictos. Notamos que a escola passou por uma fase inicial e, posteriormente, teve suas atividades suspensas em decorrência da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), como podemos contemplar no fragmento de texto logo abaixo:

[...] assessorado pelo Major Euclides de Oliveira Figueiredo, que cursara a Escola de Cavalaria de Hannover, na Alemanha, e sob coordenação do Capitão francês Armand Gloriá, consagrado cavaleiro. Em 1928, transformou-se em Curso Especial de Equitação, sob a chefia do Major Robert Batistelli, o qual regressou à França em 1933. A partir daí os oficiais brasileiros, Capitão Armando de Moraes Âncora, Capitão Oswaldo Borba e Capitão Manoel Garcia de Souza, como instrutores-chefes, foram incumbidos de difundir os conhecimentos equestres desenvolvidos na Europa.²³

Essa passagem, retirada de um relatório da EsEqEx, evidencia a relação de outras pessoas com a experiência da equitação alemã. No entanto, com a consolidação da MMF no Brasil, a equitação militar no país fundamentou-se na vertente francesa, em um primeiro momento. Todavia, o desenvolvimento da equitação nas Forças Armadas, pelos militares franceses.

²³ OSÓRIO. *Resumo Histórico EsEqEx*, p. 1.

Como pontuado, a necessidade de uma doutrina e a influência da MMF na equitação, promoveu o estilo “francês” de cavalgar em meio aos instrutores. Tal estilo se difundiu no cenário nacional, tendo em vista que a base teórica do curso de equitação é de origem francesa. Inclusive, os manuais de equitação utilizados à formação, eram redigidos em língua francesa como apresentado na imagem abaixo.



Manual de Equitação Francês. Fonte: Arquivo da Família Osório.

Acima, temos um exemplar do manual da Escola de Cavalaria de Saumur, uma das instituições de equitação militar mais tradicionais, proveniente do arquivo pessoal da família Osório. A Escola de Cavalaria de Saumur serviu como base teórica na formação dos instrutores de equitação no Brasil. É possível que o estilo de equitação francês influenciou, profundamente, a maneira como cavaleiros e cavalos interagiam na prática. Este é mais um exemplo da sólida difusão do modelo de equitação acadêmica francesa.

No período de 1939 a 1945 houve uma interrupção causada pelas circunstâncias globais do conflito da Segunda Guerra Mundial, afetando diretamente a continuidade da formação de instrutores no Brasil. Após esse ano as atividades da EsExEq foram retomadas e passaram a ser oferecidas nas dependências do Departamento de Equitação e de Educação Física da Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro. O brasão abaixo é um símbolo representativo da instituição.



Fonte: Exército Brasileiro.

No brasão percebemos a ausência de uma referência direta ao cavalo e apenas uma simples elaboração. O que o diferencia dos demais, é o brasão da divisão de desporto e cultura, que apresenta, de forma explícita, as práticas de esportes. Cabe mencionar que anos depois, em 1954, foi estabelecida a denominação atual da EsEqEx, mas manteve a representação pelo brasão.

Diante de tais indícios, verifica-se a configuração de uma instituição, a Escola de Equitação do Exército, enquanto o berço do hipismo, porém não devemos esquecer de que a cultura equestre, com práticas de equitação, já era presente no Brasil, em especial as corridas de cavalos, nos *jockey clubs*. Outro aspecto a observar é que esse esporte apresenta a sua prática delimitada ao público da caserna, que são os militares de alta patente, e que o curso de instrutor de equitação era delimitado a um público restrito. Destaca-se que, no final de seu curso, era dada uma honraria de distinção: as esporas douradas.

Em consonância com o exposto, a MMF foi a precursora no desenvolvimento de técnicos instrutores de equitação, com uma média de 10 instrutores formados entre os anos de 1924 a 1937. Nesse primeiro momento, tinha sua composição formada por Tenentes, Capitão e Major. Já entre as décadas de 1940, mais precisamente de 1946 a 1969, a média de formandos foi de 9 a 13 instrutores, permanecendo em sua maioria os tenentes e capitães. A título de esclarecimento, a

hierarquia do exército brasileiro no período era: Marechal; e assim segue.²⁴ General do Exército, General de Divisão, General de Brigada, Coronel, Tenente-Coronel, Major, Capitão, 1º Tenente, 2º Tenente, Aspirante a Oficial, Subtenente, 1º Sargento, 2º Sargento, 3º Sargento, Cabo, Taifeiro-mor, Taifeiro de 1ª Classe, Taifeiro de 2ª Classe, Soldado.

Tal hierarquia é importante no processo de entendimento da constituição do esporte hípico no Brasil, uma vez que sua prática era restrita a um determinado núcleo: o alto escalão das Forças Armadas. Os membros do alto escalão, posicionados acima da patente de capitão eram os praticantes de hipismo, enquanto que para os demais restava, provavelmente, cuidar dos cavalos. Esta hierarquia de posições dos agentes presume o caráter elitista que o esporte apresenta posteriormente. Nesse aspecto, é necessário um debate sobre o esporte hípico e suas dinâmicas de estabelecimento.

OS ESPORTES NAS FORÇAS ARMADAS E A POTENCIALIZAÇÃO DO HIPISMO

No presente tópico, o debate centra-se na difusão dos esportes pela Forças Armadas brasileiras e a consolidação do hipismo enquanto uma modalidade olímpica, ao interpretar o processo de esportivização da modalidade, e o seu papel para a corporação. As Forças Armadas são precursoras na difusão de uma “cultura física” no país, ao apresentarem destaque no papel de esportivização e difusão das práticas corporais e esportivas entre o final do século XIX e o século XX. Esse movimento aconteceu, de forma sólida, na primeira metade do século XX, por meio da organização de ligas esportivas, conforme Cancelli e Mataruna (2012). Como exemplo, teve-se a Liga Militar de *Football*, no Exército, e a Liga de *Sports* da Marinha (LSM), ambas fundadas em 1915. Como apontam os autores:

Ao longo de todo o século XX, a prática do esporte e da atividade física nas Forças Armadas (FFAA) brasileiras, até a década de 1940, era composta apenas por Exército e Marinha. Ampliou-se de maneira significativa, tendo os militares participado no processo de estabelecimento das primeiras escolas de formação em Educação Física do país e atuação

²⁴ TURMAS de alunos formados na EsEqEx. In: ESCOLA DE EQUITAÇÃO DO EXÉRCITO (EsEqEx).

significativa na organização de eventos esportivos no Brasil, caso dos Jogos do Centenário de 1922”.²⁵

Semelhante ao papel das escolas secundárias da Inglaterra na difusão do esporte, no Brasil, quem recebeu essa atribuição foram as Forças Armadas. O intuito era treinar o corpo da sociedade brasileira preparando futuros ingressantes nas instituições militares, assim como a difusão de cultura física para manter o corpo saudável para o trabalho na indústria. Era também aparado um desejo nacional do período, permeado por um valor simbólico: as práticas corporais e esportivas, que denotavam a mudança, a ruptura com o antigo, remetido ao aspecto higiênico e moral.

Nesse caminho, notamos o papel primordial da imprensa em divulgar os saberes e propagar os valores relacionados à prática esportiva. O papel de divulgação, e até a demonstração das normas de cada modalidade, é o destaque da Revista Educação *Physica*. Nesta revista há sempre um “doutor” (médico e sanitarista) assinando artigos e apresentando as normas, além dos benefícios e as classificações do esporte. A este respeito trata o recorte a seguir, intitulado a Oficialização dos esportes, assinado pelo Dr. Tobias Machado.

Quando se fala em regulamentação do esporte, pensa-se, desde logo, no “football”, diversão enraizada na massa popular e causa de toda a desorganização esportiva nacional, pela atração que desperta e subsequente desinteresse pelas demais atividades, tão propícias à educação do espírito e do corpo.

De fato, esporte é distração para o espírito e o coroamento da educação física, pois visa ao desenvolvimento do indivíduo, aprimorando suas qualidades superiores, como acuidade sensorial, força, resistência, velocidade e destreza, além de aperfeiçoar suas qualidades morais, como a atenção, a coragem, a audácia, a tenacidade, o sangue frio, a disciplina, a solidariedade e a energia.²⁶

Na citação supramencionada nota-se um incômodo com o esporte popular, o futebol. Pelo descrito, a causa do desinteresse da população em praticar os demais esportes, além de ser um fenômeno quase incontrolável, não se enquadra, de forma prática, aos anseios de uma educação moral pelo esporte. Já no segundo parágrafo da passagem acima, o autor voltou a ressaltar os benefícios dos esportes, dentro dos seus modelos de controle.

²⁵ CANCELLA; MATARUNA. Gestão do Esporte Militar no Brasil: uma análise histórica do primeiro modelo de gestão adotado pela Liga de Sports da Marinha (1915-1919), p. 126-127.

²⁶ MACHADO. Oficialização dos Esportes, p. 50.

Após tal passagem, o artigo volta a criticar fortemente o futebol, o qual se mostraria como um esporte incapaz de tornar visíveis os valores cultuados na prática esportiva. Sugere que o futebol gerava um certo descontrole, indo contra o que o estado almejava: ter um corpo controlado e saudável pela prática de esporte. Nesse caso, o futebol se apresentava de forma subversiva, por isso estão presentes fortes críticas ao descontrole gerado pelo esporte e sua “assistência” (espectadores). Nesse momento, a necessidade de manter a ordem proporcionou a criação e consolidação de uma estrutura administrativa para o esporte.

A necessidade de criação dessa padronização para além de uma educação física, é pautada na seguinte argumentação: “Todos os esportes são regulamentados pelas instruções e regras que orientam a sua prática, aumentam sua eficiência, evitam os excessos, coíbem os abusos, restringem as faltas, no intuito de cultivar cada vez mais as possibilidades físicas, intelectuais e morais dos que praticam”.²⁷ Nesse mesmo caminho, encontramos a criação e organização de uma instituição para manter a atualização das regras e uniformizar a prática do esporte. Nessa direção, segue, abaixo, a passagem que remonta à necessidade de manter a organização:

Reorganização dos Desportos Nacionais

Todas as federações nacionais com filiação internacional direta terão uniformizadas as suas denominações que passarão a ser as seguintes: Confederação de Tiro, Confederação Brasileira de ciclismo, Confederação Brasileira de Pugilismo, Confederação Brasileira de Motociclismo, Confederação Brasileira de Basketball, Confederação Brasileira de Hipismo, Confederação Brasileira de Esgrima, Confederação Brasileira de Xadrez, Confederação Brasileira Bilhar, Confederação Brasileira Vela e Motor, Confederação Brasileira, Confederação Brasileira de Desportos (foot-ball, atletismo, natação, remo, tênis). Também com relação às entidades regionais haverá uniformização dos nomes, assim, as atuais ligas, as associações, Uniões etc., terão seus nomes uniformizados para “Federações”. Tomando por base o Distrito Federal, as suas atuais “ligas” passarão a denominar-se: Federação de Basketball, Federação de Ciclismo, Federação de Natação. Como se observa, o plano estabelece a filiação direta dos clubes às Federações Regionais, e estas diretamente ligadas às confederações, e, finalmente, as confederações Brasileiras, com filiações internacionais, serão reconhecidas pelo Conselho Nacional de Esportes, órgão máximo controlador.²⁸

²⁷ MACHADO. Oficialização dos Esportes, p. 50.

²⁸ NOTICIÁRIO. *Revista Educação Physica*, p. 29.

Entende-se que o esporte é algo praticado em determinados moldes e submetido a uma hierarquia administrativa, que delimita sua prática ao criar regras e modelos. Apesar de uma evidente necessidade de padronização, a revista traz uma parte impactante no que corresponde ao profissionalismo no esporte, ao afirmar que isso corrompe o uso enquanto ferramenta desprovida de uma necessidade material.

A preocupação das rendas, dos troféus ou dos pontos nas tabelas, é o responsável pelo sacrifício da higidez e da própria vida de numerosos patriotas nossos, incentivados pelos espíritos rudes de dirigentes, presidentes de clubes, torcidas e técnicos responsáveis.

A decadência do esporte, em nosso país, chegou ao auge com o profissionalismo do “foot-ball”, quando se exacerbaram todos os sentimentos maus e perniciosos e se esqueceram dos demais esportes.

E assim como foram regulamentadas a caça e a pesca, no interesse de preservar a espécie animal do seu desaparecimento, pela incompreensão e insensatez dos seus apaixonados, teve o Governo, graça à sua nítida compreensão do interesse público do Presidente Vargas, necessidade de regulamentar, não só o esporte, porém os clubes e entidades, na defesa da própria espécie humana e da nossa raça.²⁹

Percebemos que o esporte praticado de forma profissional é elevado a um *status* de perversidade, nessa reportagem. Segundo o autor, Dr. Thobias Machado, a busca de reconhecimento pelo esporte e do sucesso pode corromper os valores morais que vão em desencontro com o que era permeado pelo esporte. Nessa mesma passagem, em que o esporte profissional é questionado, o autor pontua que a organização da prática esportiva é um benefício para a “própria espécie humana”, e que a partir da padronização o esporte deixa de ser nocivo. Nesse caminho temos a percepção que o esporte organizado proporciona uma aceitação no meio das autoridades, uma vez que referem a existência de um sentimento pernicioso no esporte profissional. No segundo parágrafo da reportagem, ao falar da caça e da pesca, remetem a ideia de que a regularização pode controlar os impulsos, como a “insensatez e incompreensão”. No entanto, a organização pode ser percebida também como um fator que impulsiona as práticas de forma controlada, incentivando os eventos esportivos.

Após tal organização, podemos notar a presença de competições de esportes hípicas, incentivadas pela imprensa e estruturadas pela Federação Brasileira de Hipismo, como apresentado no fragmento a seguir:

²⁹ MACHADO. Oficialização dos Esportes, p. 50.



Fig. - Reportagem do *Jornal do Sport* sobre o Hipismo.
Fonte: *Jornal do Sport*, 24 de maio de 1940 p. 6.

Na matéria acima, é notável a consolidação do esporte e suas competições submetidas à federação. Ainda, evidenciamos que a imprensa foi propagadora da prática, ao ter o seu nome nas provas, sendo a primeira intitulada “Diário de notícias” e a segunda “Associação Brasileira de Imprensa”. Também é possível perceber que as amazonas e a sociedade civil não recebem a mesma premiação.

Já em uma reportagem da revista *Almanaque do Esporte* sobre o exército e o esporte, foi evidenciada a organização da instituição e seu comprometimento com o esporte. Nessa direção, temos o presente fragmento:

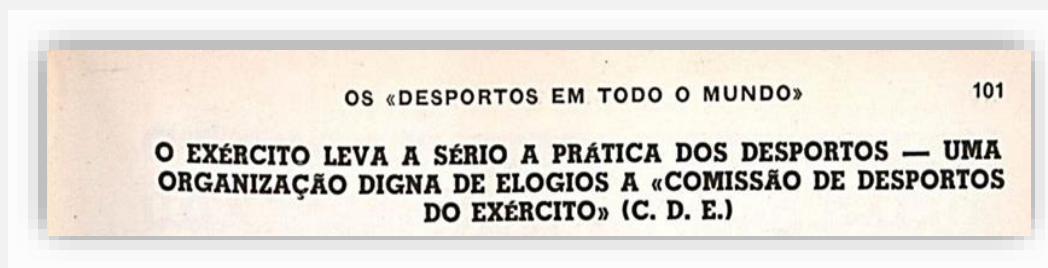


Fig. - Reportagem: Os Desportos em Todo o Mundo.
Fonte: *Almanaque do Desporto*, nº 11, 1957, p. 101.

Em um título de destaque dentro do periódico, na parte reservada para as manchetes e reportagens internacionais acerca do esporte no mundo, a revista reporta a organização do esporte dentro do Exército e seu compromisso, com os demais, em divulgar para a sociedade civil. O que entra em destaque na matéria é a organização do esporte hípico, como ressalta a redação: “Recebendo o calendário de 1957 (Geral, de Polo e Hipismo), que foram gentilmente enviados pelo Cel. Pedro Geraldo de Almeida [...]”.³⁰ Nessa mesma matéria, após reforçar diversas vezes elogios para a instituição, é apresentando o calendário e quem pode competir em cada modalidade; no hipismo, só membros do alto escalão.

PRIMEIROS GALOPES PARA UMA HISTÓRIA DO HIPISMO OLÍMPICO NACIONAL

A seguir, apresentamos um trecho da reportagem sobre as eliminatórias para os Jogos Olímpicos:

PRIMEIRA ELIMINATÓRIA DE HIPISMO PREPARAM-SE OS SALTADORES CARIOCAS PARA AS OLIMPÍADAS

Terá lugar hoje, às 15 horas, na pista do Carioca Esporte Clube, a 1^a das 3 competições eliminatórias para seleção da equipe que representará o hipismo nacional nas Olimpíadas, em Londres.

Tomarão parte na eliminatória de hoje, que vem sendo aguardada com grande ansiedade, dada a sua importância, os seguintes cavaleiros: Major Franco Pontes - Cap. Rubem Continentino – Cap. Felício de Paula, e tenente Morrot Coelho, Todos do Departamento de Desportos do Exército; Hermes Vasconcellos e Jurandyr Patrone, este com um cavalo novo, sem grandes possibilidades, da Federação Hípica Metropolitana, cuja a equipe, está aliás, desfalcada de vários e seus melhores elementos,

³⁰ ALMANAQUE DO DESPORTO. Os Desportos em Todo o Mundo, p. 11.

inclusive do Sr. Roberto Marinho, que não disputará as eliminatórias. De Minas, tomará parte o Capitão Montedone e, do Rio Grande do Sul, o capitão Eloy Menezes.³¹

Nesta primeira reportagem do *Jornal do Sport*, temos a iniciação do Brasil rumo aos Jogos Olímpicos de Londres, que ocorreram em 1948. Esse é um momento histórico, que marca a primeira participação de uma equipe de hipismo na delegação brasileira (militar e civil nas eliminatórias). No entanto, a presença de civis não era de tal expressividade técnica, visto que para esses sujeitos o esporte era praticado de forma amadora. Contudo, a presença militar que já tinha uma prática sistemática apresentou um bom desempenho nas eliminatórias, o que garantiu a presença e sua hegemonia na primeira participação nacional do hipismo nos jogos olímpicos.

Afirmar que, na época, o hipismo era restrito aos membros do alto escalão levanta questões sobre o caráter elitista do esporte, o que não era incomum em outros esportes também. Uma análise mais ampla pode abordar como, historicamente, diversas modalidades esportivas eram acessíveis apenas às classes mais altas, devido a fatores como custos, infraestrutura e o status social exigido para participação.

Outro fato notável é de pessoas de grande influência e poder econômico, como o caso de Roberto Marinho, na época, um empresário da imprensa, que apresentou grandes participações em competição antes das eliminatórias, no entanto, não esteve presente em tal competição para disputar sua vaga rumo a Londres nos Jogos Olímpicos de 1948. Esse fato ilustra que o círculo de praticantes da modalidade era restrito a militares e grandes empresários, tendo como fator de sociabilidade o poder aquisitivo e ser membro de uma elite carioca, tanto como empresário ou militar de alta patente. Os civis não tiveram visibilidade na primeira competição olímpica, diferentemente dos militares que se destacaram nas eliminatórias, afinal, tinham o esporte como prática de treinamento e se apropriaram dos ensinamentos da equitação acadêmica francesa.

No final, temos o registro da primeira delegação do Brasil no jogos olímpicos, de Londres, ficou confirmada a participação do Brasil, na prova de salto, foi a precursora dessa primeira participação brasileira, com o seguintes cavaleiros, General Edgar Amaral, o Capitão Rubem Continentino, o Coronel Eloy Menezes, o Tenente

³¹ *Jornal do Sport*, 18 maio 1948, p. 15.

Renyldo Pedro Guimarães Ferreira e o Tenente Coronel Franco Pontes. Destaca-se a atuação expressiva do Tenente Coronel Franco Pontes, que alcançou o 10º lugar na classificação geral das provas individuais de salto.³²

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A modernização do exército pela Missão Militar Francesa (MMF) e a disseminação do hipismo no Brasil seguiram caminhos paralelos, estabelecendo uma relação de interdependência entre ambos. O Curso de Instrutores de Equitação desempenhou um papel fundamental na difusão desse esporte equestre, especialmente no salto e no Concurso Completo de Equitação (CCE), os quais evidenciam uma forte influência francesa que, através da MMF, foi preservada e promovida entre os escalões superiores do Exército Brasileiro. Além disso, a Missão Militar Francesa proporcionou uma formação robusta que resultou na consolidação de um estilo de equitação fundamentado nos princípios teóricos da equitação acadêmica francesa.

O esporte hípico, em seus primeiros galopes rumo às competições olímpicas, teve a presença de militares. Após anos, foi registrada a participação de civis, ainda que com uma tímida presença nos Jogos Olímpicos de 1948. No entanto, o destaque foi para os militares, que estavam bem preparados ao nível nacional. O esporte em contexto do alto escalão dos militares compunha a racionalização do corpo e o movimento de polidez, contribuindo para a difusão de valores relacionados a determinada classe social e de ideal civilizado do momento histórico.

As fontes utilizadas, centradas na Missão Militar Francesa e no desenvolvimento do hipismo no Brasil, foram cruciais para entender como os valores militares moldaram o esporte e sua disseminação entre as elites. Contudo, uma abordagem futura poderia explorar mais detalhadamente como essa prática esportiva foi gradualmente incorporada por outros grupos sociais.

O estudo também reforça que o hipismo foi mais do que uma prática esportiva entre os militares. Ele serviu como um mecanismo de racionalização do corpo, alinhado com os ideais de disciplina, polidez e autocontrole, valores amplamente

³² FÉDÉRATION Equestre Internationale. Resultados Individuais Jogos Olímpicos- Londres 1948.

promovidos pela Missão Militar Francesa e incorporados à formação militar brasileira. Esses valores refletiam um processo de civilização que não apenas moldava os oficiais do exército, mas também permeava o contexto social e cultural mais amplo, associando o hipismo a uma classe social específica e à ideia de modernidade e civilização que vigorava no período.

Por fim, o impacto da Missão Militar Francesa sobre o exército brasileiro transcendeu a esfera militar, moldando práticas culturais e esportivas, como o hipismo, que se tornaram símbolos de status e poder entre as elites. Ao mesmo tempo, essa influência consolidou um estilo de equitação que refletia os ideais de disciplina e polidez tão valorizados no período. O hipismo, em seu início no Brasil, não foi apenas um esporte; foi uma expressão de valores sociais e militares que ajudaram a definir o ideal de civilização de uma classe social dominante no contexto da primeira metade do século XX. O desafio futuro para pesquisas sobre o tema é ampliar essa análise para compreender como o esporte expandiu ou/e se democratizou (?) nas décadas seguintes, rompendo com suas origens exclusivas e abraçando novas camadas sociais.

* * *

REFERÊNCIAS

ALMANAQUE DO DESPORTO. Os Desportos em Todo o Mundo, Rio de Janeiro, n. 11, p. 101, 1 jan. 1957.

ALMEIDA, Fábio Chang de. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. **Aedos**, Porto Alegre, v. 3, n. 8, p. 9-30, jun. 2011.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

CANCELLA, Karina; MATARUNA, Leonardo. Gestão do Esporte Militar no Brasil: uma análise histórica do primeiro modelo de gestão adotado pela Liga de Sports da Marinha (1915-1919). **PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review**, v. 1, n. 2, p. 123-147, 2012.

CARVALHO, José Murilo de. **Forças Armadas e política no Brasil**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

- CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CONNELL, Robert. W.; MESSERSCHMIDT, James W.. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 241-282, jan. 2013.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 12ª ed. São Paulo: EdUSP, 2006.
- FÉDÉRATION Equestre Internationale. Resultados Individuais Jogos Olímpicos-Londres 1948. **Banco de dados FEI**. Link: <http://bit.ly/4hMeShv>.
- GÓIS JUNIOR, Edivaldo. Nacionalismo, Educação Física e a missão francesa na Força Pública de São Paulo: uma comunidade imaginada (1906-1913). **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 30, n. 4, p. 1023-1032, out. 2016.
- GUERRA, João Paulo Diniz. **100 anos da missão militar francesa no Brasil e sua contribuição para a evolução da doutrina militar terrestre brasileira**. João Paulo Diniz Guerra. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências Militares), Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2019.
- HAAN, Donna de; DUMBELL, Lucy Claire. Equestrian Sport at the Olympic Games from 1900 to 1948. **The International Journal of the History of Sport**, [s. l.], v. 33, p. 648-665, 24 jun. 2016.
- JORNAL DO SPORT, 18 maio 1948, p. 15.
- JORNAL DO SPORT, 24 maio 1940, p. 6.
- JORNAL DO SPORT, 3 jan. 1940, p. 1.
- LARA, Anderson Albani. **O concurso completo de equitação como ferramenta de desenvolvimento de conteúdos da área atitudinal**. Rio de Janeiro: EsEqEx, 2019. Monografia.
- LEAL, José Alberto. A Missão Militar Francesa e a equitação no Brasil. **Revista do Exército Brasileiro**, Rio de Janeiro, p. 40-51, 2019.
- MACHADO, Tobias. Oficialização dos Esportes. **Revista Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 55, p. 50-55, 1 jun. 1941.
- MACHADO, Tobias. Oficialização dos Esportes. **Revista Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 55, p. 50-55, 1 jun. 1941.
- MALAN, Alfredo Souto. **Missão Militar Francesa de instrução junto ao Exército Brasileiro**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2018. 312 p.
- NOTICIÁRIO. **Revista Educação Physica**, 1940, n. 49.
- OSÓRIO, Oromar. **Resumo Histórico EsEqEx**. Rio de Janeiro, 1980.
- PEREIRA, Ester Liberato; SILVA, Carolina Fernandes da; MAZO, Janice Zarpelon. As primeiras participações de atletas do hipismo sul-rio-grandense em Jogos Olímpicos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 29, n. 1, p. 47-64, jan. 2015.

PEREIRA, Ester Liberato; MAZO, Janice Zarpellon. A Caça à Raposa em Porto Alegre-Brasil: uma apropriação cultural. **Recorde**: Revista de História do Esporte, Rio de Janeiro, v. 7, ed. 2, p. 1-23, 2014.

PEREIRA, Ester Liberato. **Configurações sócio-históricas da equitação no Rio Grande do Sul**: uma investigação das redes de interdependência nas práticas esportivas equestres. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano), UFRGS, Porto Alegre, 2016.

RUBIO, Katia. A dinâmica do esporte olímpico do século XIX ao XXI. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 25, p. 86-90, dez. 2011.

THOMAZ, Diego Wander; SANTOS, Dionys Melo dos; TOLEDO, Luiz Henrique de. Ethos militar e masculinidades nos esportes olímpicos. **Revista Estudos Feministas**, v. 29, n. 2, p. e79389, 2021.

TITAN, Alex. **A prática do hipismo percebida como uma ferramenta educacional de desenvolvimento emocional**. Dissertação (Educação Física), Universidade Católica de Brasília, 2020.

TURMAS de alunos formados na EsEqEx. In: **Escola de Equitação do Exército (EsEqEx)**, 27 fev. 2024. Disponível em: <https://www.eseqex.eb.mil.br/turmas-formadas>. Acesso em: 21 fev. 2024.

* * *

Recebido em: 28 fev. 2024.
Aprovado em: 28 set. 2024.